

No vir-a ser da construção social de ser humano: expectativas de interdependência e diversidade

Carlise Inês Groth*

Roque Strieder**

Resumo

O presente trabalho busca compreender a construção social de ser humano e, para tanto, investiga como ocorreu o processo de hominização e humanização. Propor-se a reimaginar as características mutáveis de um grupo de homínidas para outro e refletir a importância do princípio de auto-organização, da caça, da criação de utensílios de caça e a domesticação do fogo. Para esse estudo, usamos o método bibliográfico, discutindo o modo de vida vivenciado, por intermédio da formação de grupos pela partilha de alimentos, a importância da reciprocidade e generosidade para a formação de pares e, conseqüentemente, o surgimento da sensualidade e da família. Buscamos investigar a importância das emoções, da linguagem e do conversar na ordenação de condutas consensuais, bem como a influência das regras e da cultura para o social do *Homo sexualis*, avaliando o permitido e o proibido na sexualidade e a visão do outro como um bem a ser consumido.

Palavras-chave: Sociabilidade. Generosidade. Conversar. Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

Onde é do seu próprio interesse, pode-se esperar sem exagero, que todo organismo

* Acadêmica do 7º período do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; Rua Linha Pitangueira, Tunápolis, SC, 89898-000; carliseines@yahoo.com.br

** Doutor em Educação e Professor do Componente Curricular: Ciências Sociais – Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; Tunápolis, SC, 89898-000; strieder.roque@unoesc.edu.br

ajude os seus companheiros. Onde não há alternativas, ele se submete ao jogo da servidão comunitária. Mas, tendo a oportunidade de agir em interesse próprio, nada a não ser a conveniência, o impedirá de brutalizar, de mutilar, de assassinar o irmão, o colega, o pai, ou filho. Aranje-se o “altruísta” e veja-se um “hipócrita” sangrar. (GHISELIN apud RIDLEY, 2000, p. 82).

O mundo e a humanidade vivem em constante processo de mudanças, e, assim, ao longo da existência do planeta podemos verificar o processo de hominização da espécie homínida. As espécies sofreram modificações de acordo com as novas exigências da natureza, recriando-se para adaptações diante de adversidades e oportunidades. Esse processo de adaptações recíprocas permitiu a seleção de características para que certas espécies se perpetuassem. No caso dos homínidas esse processo inicia, segundo a antropologia, com o *Australopithecus afarensis* e culmina no *Homo Sapiens*. Muitas foram as mudanças ocorridas nos homínidas até o surgimento do ser humano da forma como o conhecemos na atualidade. O processo de hominização ainda continua e, provavelmente, com o passar dos anos novas transformações serão manifestadas, podendo inclusive ocorrer a extinção do *Homo sapiens* e surgir uma espécie com características adequadas para se adaptar às mudanças climáticas do planeta, provavelmente, catalisadas pelo ser humano.

Muitas áreas de conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, entre outras, se indagam sobre as causas e condições que possibilitaram a forma vivencial, em bandos, dos homínidas. Persiste, também, de forma profunda, o desejo de conhecer e entender as motivações que contribuíram para que ocorresse a passagem de uma vida concentrada em bandos, no caso dos homínidas e a geração do desejo da sociabilidade. Viver socialmente requer o desenvolvimento do potencial emocional e subjetivo da união inter-relacional, inexistente no modo de vida em bandos, caso dos homínidas, para um modo de viver baseado e organizado a partir de regras, de leis (moral), e em um conjunto de comportamentos éticos fundamentando o emocional das relações.

Assim, o que se busca mediante este estudo é reimaginar a trajetória motivacional que permitiu a diversos grupos de homínidas a caminhada para um modo de viver em sociedade. Deseja refletir, para entender melhor,

o desenvolvimento desse processo e sua transmissão e conservação no próprio grupo e para outros grupos. Um parâmetro considerado importante será o emocional recorrente como motivador e resultado das convivências sociais para uma visão de interdependência como modo de viver socialmente organizado, bem diferente das tradicionais visões de dependência e/ou independência.

O objetivo do estudo é conhecer fontes e parâmetros-guia para o surgimento da sociabilidade humana. Se for da natureza humana a tendência do agrupamento deseja-se refletir sobre a origem dos agrupamentos sociais, bem como quais estratégias mantêm um grupo unido e o que torna inseparável o *status* que a pessoa exerce no grupo em termos de funções sociais desempenhadas nesse pertencimento. A pergunta chave proposta para a reflexão foi: como o ser humano começa a perceber a diversidade no contexto do surgimento do emocional e do linguajar e por que, ainda, a enorme dificuldade humana para reconhecer-se interdependente?

2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL E O VIR-A-SER HUMANO: UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE E A INTERDEPENDÊNCIA

Iniciamos transcrevendo uma história intitulada: *O furo no barco*.

Um homem foi chamado à praia para pintar um barco. Trouxe com ele tintas e pincéis, e começou a pintar o barco de um vermelho brilhante, como fora contratado para fazer. Enquanto pintava, viu que a tinta estava passando pelo furo do barco. Percebeu que havia um vazamento e decidiu consertá-lo. Quando terminou a pintura, recebeu seu dinheiro e se foi. No dia seguinte, o proprietário do barco procurou o pintor e apresentou-o com um belo cheque. O pintor ficou surpreso: O senhor já me pagou pela pintura do barco! – disse ele. Mas isso não é pelo trabalho de pintura. É por ter consertado o vazamento do barco. Ah!, mas foi um serviço tão pequeno [...] certamente, não está me pagando uma quantia tão alta por algo tão insignificante! Meu caro amigo, você não compreende. Deixe-me contar-lhe o que aconteceu. Quando pedi a você que pintasse o barco, esqueci de mencionar o vazamento. Quando o barco secou, meus filhos o pegaram e saíram para uma pescaria. Eu não estava em casa naquele momento. Quando voltei e notei que haviam saído

com o barco, fiquei desesperado, pois lembrei-me que o barco tinha um furo. Imagine o meu alívio quando vi-os retornando sãos e salvos. Então, examinei o barco e constatei que você o havia consertado! Percebe, agora, o que fez? Salvou a vida dos meus filhos! Não tenho dinheiro suficiente para pagar a sua boa ação. (AUTOR DESCONHECIDO).

Essa história permite perceber a inexistência de quantia em dinheiro para pagar uma boa ação. Mas o que há de tão especial em uma boa ação? Certamente existe nela um valor intangível, um valor emocional, ajuda espontânea que viabiliza gratidão e reconhecimento. A história do barco leva às questões centrais da sociabilidade humana, pois, apesar de raras, ainda existem atitudes altruístas. A leitura da história também conduz para a importância da cooperação: o pintor consertou o barco em atitude de cooperação e altruísmo. A cooperação espontânea do pintor, impedindo um possível desastre e, a manifestação de generosidade, por parte do proprietário do barco, revela a colaboração e a generosidade, como centrais no processo de humanização. Pode-se ler também na história a atitude do presentear, ainda característica do modo de viver humano, como forma de gratidão e devolução do recebido de outros. No texto também vemos uma abordagem da importância do amar, como desejo de cuidado familiar – a gratidão do pai, porque os filhos continuam vivos. O universo das emoções, da colaboração, da gratidão, do presentear e da amorosidade foram construídos ao longo do processo de hominização e de humanização. E, tudo indica que os primórdios do desenvolvimento dessas potencialidades tiveram início quando os homínidas foram capazes, primeiramente, do autor-reconhecimento e, em seguida, da capacidade do reconhecimento do outro possibilitando as inter-relações.

Falar de socialização exige a concepção de reconhecimento. Somente quando o ser humano se reconhece ele poderá reconhecer o outro e possibilitar um convívio social. Mas, para desenvolver essa habilidade o homínida passou por inúmeras transformações na sua condição de primata. Trata-se de um complexo processo de transformações conhecido como hominização, caracterizado por Morin (1975, p. 62) como “Um conjunto de inferências que supõe acontecimentos, eliminações, seleções, integrações, migrações, fracassos, sucessos, desastres, inovações, desorganizações, reorganizações. A hominização não é somente o que aparece, também é o que desaparece.” Veremos a seguir várias situações que contribuíram para a vivência social.

2.1 A CEREBRALIZAÇÃO

Conhecer e entender o processo da hominização e da humanização exige olhares para inúmeras vertentes e variáveis. Trata-se de um “processo de complexificação multidimensional em função de um princípio de auto-organização ou autoprodução.” (MORIN, 1975, p. 62). É como se existisse uma força/energia vital, primordial, que faz com que as transformações simplesmente ocorram, frutos de acontecimentos aleatórios, acidentes e interações. A vida se renova sem causa específica, sem meta determinada e sem saber para onde vai. Segundo Morin (1975), o que começa a diferenciar o homínida, de outros grupos de primatas, são a posição vertical e a locomoção bípede. Essa inovadora condição liberta a mão, que liberta os maxilares e, conseqüentemente, liberta a caixa craniana. A libertação da caixa craniana possibilita o alojamento de mais massa encefálica e o desenvolvimento de aptidões cerebrais até então nunca exploradas por outra espécie. A cerebralização fundamenta e fundamenta-se nesse princípio de auto-organização.

2.2 A FAMÍLIA

Lembremos da personagem Lucy¹ e seu andar ereto. O documentário *Homem das cavernas* destaca que o deslocamento na posição ereta significa um ganho de energia. Energia que podia ser traduzida na possibilidade de ter mais um filhote. Mais um filhote para cada fêmea significa maior garantia de sobrevivência da espécie. O documentário também mostra o cuidado da mãe Lucy para com seu filho. Um cuidado que pode ser traduzido como uma manifestação arcaica de amor. A cena é comovente e mostra o filhote se agarrando à mãe que já estava morta. Talvez esteja aí uma primeira manifestação de humanização e expressão de uma situação nova, seguido por um gesto (será de solidariedade? De amor familiar?) pela filha mais velha de Lucy ao adotar o irmãozinho, cuidando dele.

Primórdios da importância do convívio familiar, do reconhecimento do outro como outro e das relações interindividuais. Sabe-se que em outras espécies de animais não ocorre o reconhecimento de filhos, por parte dos

pais e vice-versa, quando se encontram na fase adulta. Entre os humanos, porém, o reconhecimento recíproco de pais para com os filhos e dos filhos para com os pais é característica que perdura para a vida toda. Assim, e segundo a antropologia, a família somente existe como tal quando pai, mãe e filho se reconhecem mutuamente e pela vida toda.

2.3 DE CAÇADO PARA CAÇADOR NA SEGURANÇA DO FOGO

O processo de hominização se potencializa com a existência, simultânea, de vários grupos de homínidas, com estratégias diferentes de sobrevivência. Grupos se distinguem pelas novas aptidões para caçar. O aumento cerebral resulta e conduz para ações planejadas pela inteligência, permitindo libertar-se da natureza, ao desenvolver habilidades diversas. Tornar-se caçador, no universo dos caçadores por natureza, exímios predadores, somente pode dar certo com a criação de novos elementos, inexistentes nos caçadores por natureza.

Os homínidas aprenderam a habilidade da dissimulação, da atenção, da espreita e do esquivar-se. Todo um conjunto de novas estratégias levaram a uma profunda transformação na relação do homínida para com a natureza e dos homínidas para consigo mesmos (MORIN, 1975). A caça, cada vez mais organizada, intensifica-se e torna-se uma prática central de sobrevivência.

A caça de animais de pequeno porte para a caça de animais de médio e grande porte vem acompanhada do desenvolvimento de artefatos de caça. O desenvolvimento e aprimoramento desses artefatos tiveram um potencializador natural e inesperado chamado fogo. A utilização do fogo caracteriza-se pelo desenvolvimento de instrumentos de caça, pela facilitação da digestão das carnes ingeridas, que agora podem ser consumidas após assadas ou grelhadas. Facilitar a digestão significa permanecer alerta mesmo depois de ter ingerido carne. O fogo também oferece segurança, afasta os animais, permite um sono mais profundo e liberta para o sonho, liberta para a criação de imaginários, liberta para a abstração. O fogo permite a criação de refúgios como locais de proteção para as mulheres e crianças, abrigos sedentários com segurança. Com o fogo, pela primeira vez na história da vida, o frágil ser homínida, ao ostentar um pedaço de

madeira em chamas, conhece o poder de afugentar os predadores. Sente-se forte e não mais precisa fugir, ao contrário, ele faz correr e afugenta o até então inimigo superior.

A estrutura social dos homínidas, na época de caçador, era um misto de centralização e descentralização. Ela permitia, simultaneamente, a caça coletiva e a iniciativa individual. Gradativamente, porém, ocorre de forma espontânea, uma reestruturação na organização social e os machos passam a centralizar a hegemonia de comando, a chefia na estruturação dos instrumentos técnicos de caça, a liderança cultural e social. Essa nova estruturação acontece, gradativamente, à medida que os machos se sentem responsáveis pela caça, assumindo riscos maiores em relação às fêmeas que coletavam e traziam produtos não tão valorizados, como tubérculos, brotos e frutas. Essa atividade de maior proximidade com um local deve-se ao fato de ficarem mais presas aos abrigos devido à maternidade (MORIN, 1975).

2.4 COLABORAÇÃO NA CAÇA, PARTILHA E LINGUAGEM: SURGE O HUMANO

A caça e a coleta propiciaram o início das diferenças para além do sexo. Mas também foi pela caça que a colaboração e as trocas foram desenvolvidas. Para além da comida obtida por meio do ato de caçar o macho esperava uma recompensa distinta: copular com uma fêmea. Dividir a caça, repartir o fruto da caça foi o início de uma nova organização social centrada na distribuição. Trazer comida para todos os integrantes do grupo pode ter significado o início da solidariedade humana. A repartição dos produtos da caça acontecia de forma mais ou menos igualitária (MORIN, 1975). Ela exigia o estabelecimento de regras de distribuição, com base no princípio de que o produto da caça era um bem comum. O nascimento da solidariedade entre os homínidas encontra seu fundamento em regras econômicas de distribuição (MORIN, 1975).

De acordo com Morin (1975), para que se tornasse possível uma organização social mais complexa, além da caça coletiva e da repartição de alimentos foi necessário o desenvolvimento da comunicação. Ela permitiu novas formas relacionais interpessoais de amizade e de comportamentos

a serem conservados de geração em geração. Transmitidas e conservadas as atitudes solidárias, tendo a repartição como princípio, não são atitudes inatas, mas apreendidas e repassadas, que acabaram perpetuadas como mais um componente do processo de socialização.

Dessa forma, é pela conservação de um modo de vida baseado no linguajar que surge o humano. A linguagem implica domínios de ações consensuais, uma vez que o conversar focaliza nossa rede de relações. O linguajar é marco indicador da passagem da condição homínida para a condição de humano. Para Maturana (1998, p. 86-87):

O humano surge na história evolutiva a que pertencemos ao surgir a linguagem, mas se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado no compartilhamento de alimentos, na colaboração de machos e fêmeas, na criação da prole, no encontro sensual individualizado recorrente, no conversar. Por isso todo o afazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo o afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar e, portanto, o humano se vive sempre num conversar. Finalmente o emocionar, centra-se no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência. Sendo o amor a emoção que funda a origem do humano, e sendo o prazer do conversar nossa característica, resulta em que tanto nosso bem estar como nosso sofrimento dependem de nosso conversar.

Ao afirmar que nos tornamos humanos pelo linguajar, Maturana (1998) entende de forma categórica, que para sermos seres humanos precisamos crescer como seres humanos. Significa dizer que “[...] o ser humano adquire seu emocionar em seu viver congruente com o emocionar dos outros seres, humanos ou não, com os quais convive.” (MATURANA, 1998, p. 84). É no contato do bebê com a mãe é na convivência do cuidado e da acolhida com a mãe ou com outros adultos que a criança irá apreender o emocionar-se. O emocionar e o linguajar se entrelaçam como resultados da convivência com os outros. A mudança do linguajar, no momento das interações com o outro, irá mudar suas emoções e afetar sua biologia. O emocionar existe e resulta em conformidade com as interações que a pessoa viveu ou está vivendo. Ao

fluir o emocionar, dentro do linguajar, mudam-se os domínios de ações e, conseqüentemente, muda o curso do linguajar e do raciocínio.

Segundo Maturana (1998), a linguagem é formada por uma lógica de raciocínio, e o racional pertence ao âmbito das coerências operacionais das coordenações condutuais consensuais que constituem a linguagem. Desse modo, o ser do ser humano se fundamenta em um domínio/espaco/ambiente de coordenações de condutas consensuais de encontros recorrentes de aceitação mútua, intensa e prolongada. Essa afirmação resulta do reconhecimento de que “Todo sistema racional surge como um sistema de condutas consensuais a partir da aplicação recorrente e recursiva de algum conjunto particular de condutas consensuais, que operam de fato, como suas premissas fundamentais.” (MATURANA, 1998, p. 82). Desse entendimento decorre que cada sistema racional se difere dos outros pelos diferentes conjuntos de premissas fundamentais que os constituem. Quando o ser humano tem consciência e compreensão do seu operar, como ser vivo na linguagem, ele consegue explicar fatos e usar argumentos provindos de sua própria lógica de raciocínio (MATURANA, 1998).

O conversar, ou a compreensão da função da linguagem e das emoções, dentro do conversar, é central para entender a saúde ou o sofrimento dos humanos, uma vez que grande parte dos sofrimentos humanos surge do e no conversar, quando ocorrem entrecruzamentos que geram domínios contraditórios de ações. Esse sofrimento, gerado na conversação pode também ser resolvido no conversar no momento da psicoterapia, pois terapeuta e paciente vão mudar o espaço conversacional cotidiano, permitindo que o fluir emocional envolvido na conversa, mudará (MATURANA, 1998).

De acordo com Maturana (1998), toda a ação humana pertence a algum tipo de conversação e isso implica dizer que o humano pode ter mudanças no domínio de ações de acordo com o fluir emocional e o discurso pode mudar de tal forma que pareça alheio à própria pessoa. Como existem vários tipos de conversações (MATURANA, 1998) também existem diferentes maneiras de sermos seres humanos, no individual ou na companhia de outros humanos. Tudo irá depender da rede de conversações, das emoções envolvidas e dos domínios operacionais. Portanto, existem diferentes conversações, dependendo das situações e dos sistemas de convivência e, como tal, o emocionar da conversação de um ser humano pode afetar o emocionar do outro, fazendo com que ocorram mudanças nos cursos das conversações.

O modo de vida, conservado com base no compartilhar, no conviver, na interdependência e na aceitação do outro, como legítimo outro, possibilitou o linguajar como um conversar. Conversar de *cum + versare* (frente a frente, um caminhar juntos) permite a adoção do amar como a emoção que constitui um espaço de ações desse viver homínida/humano. Porém, muitas vezes, o que ocorre é que os argumentos do linguajar que o humano usa são pautados na cultura patriarcal que pode cegar e condenar o humano a viver sob petições de obediência ao outro. Quando isso ocorre acontece a limitação das possibilidades de reflexão e de visualizar o outro como outro legítimo em seu modo de viver.

Quando a cultura patriarcal é desenvolvida, surge um linguajar que tem como emocionar fundamental a concepção de propriedade, “o meu, o eu”, e que exige negar o acesso dos outros seres aos animais de caça, até então considerados bem comum. Esse emocionar leva à criação da propriedade particular, que, por sua vez, tem como consequência novos emocionares fundamentais, como a inimizade e o ódio, a desconfiança e a insegurança, a defesa e a agressão, a acumulação de bens e a delimitação, a avidez e o fanatismo, a guerra e a dominação, o controle e a hierarquia, a solidão e a insensibilidade, a obediência, a submissão e o medo, enfim, a autonegação e a negação do outro.

Apesar de todos esses novos emocionares, construídos e resultantes da cultura patriarcal, é preciso que o ser humano compreenda que a agressão, a guerra e a maldade não são parte da maneira de viver que o define como ser humano e que lhe deram origem como ser humano. O ser humano precisa conservar o emocionar do amar que poderá reconstituir o humano e devolver o prazer da convivência, a aceitação do outro como legítimo outro, junto a nós. É importante reconhecer que o conhecimento tornado possível, sob o estatuto da cultura patriarcal, fundamentado na exploração a qualquer custo e que faz o ser humano crer poder conseguir tudo o que deseja, gera, nesse momento, mais dor e sofrimento do que se deseja e se pode suportar.

2.5 COLABORAÇÃO, GENEROSIDADE E RECIPROCIDADE

Voltando ao produto da caça como um bem público, pode-se entender que o ser humano baseou seu modo de vida de caçador na colaboração

tanto na caçada quanto na repartição dos produtos da caça. Para caçar um mamute ou outro animal de grande porte a colaboração foi fundamental, motivo pelo qual o animal, uma vez caçado, tornava-se propriedade pública (RIDLEY, 2000).

Segundo Ridley (2000), a caça de grandes animais teve profundas consequências sociais. Os animais caçados eram tão grandes que obrigavam a partilha. Se a partilha tornou-se obrigatória é oportuno reconhecer que a disposição para a reciprocidade também despertasse a formação dos aproveitadores. Então, o que motiva alguns poucos humanos a caçarem grandes animais, atividade considerada perigosa, se precisavam dividir o produto da caçada com quem não se esforçava? De acordo com Ridley (2000), a reciprocidade era movida pelo desejo de ser pago pela generosidade. Assim, a recompensa não viria em forma de bens, mas ela receberia algo de valor diferente. A pessoa que partilha seria reconhecida socialmente por seu espírito público recebendo como pagamento o prestígio.

Nos dias atuais a repartição de bens já não é mais tão comum. Os seres humanos se esforçam para acumular bens e exercem a reciprocidade que visa à partilha de favores diferentes ao mesmo tempo, já que ela diminui o risco de trapagens, por ser quitada imediatamente. O pressuposto do acúmulo de riquezas, na atualidade, não permite a espera por uma retribuição com um produto igual. Essa não espera corresponde ao não cultivo de apostas na generosidade do outro.

Repartir o alimento foi e continua sendo uma questão central no processo da evolução humana. Ela certamente foi desenvolvida pela observação do comportamento entre os demais predadores. Uma carcaça abandonada pelo predador era entendida como bem comum e, portanto, de acesso liberado a outros animais. Assim, a coisa pública, na carcaça do animal abatido, leva à reflexão da ação coletiva. Vamos admitir, como propõe Ridley (2000), que o caçador, ao obter prestígio dos demais, via abrir-se um leque de oportunidades novas e diferentes, como ser cortejado por mulheres para casos extraconjugais. Assim, a rapidamente imaginada ação coletiva, na verdade não era tão generosa quanto parecia, pois no fundo era movida por um desejo particular de reconhecimento, ou seja, possuía um fundo de egoísmo.

Ridley (2000) também aborda a questão da não reciprocidade, a partir da concepção de outro estudioso Hawkes, cujos estudos, realizados em uma tribo, reafirmam a existência da reciprocidade. A recompensa pela caça e

pela repartição da caça, também com os preguiçosos, “[...] é muito mais intangível e quem partilha busca o reconhecimento social, por seu espírito público.” (RIDLEY, 2000, p. 128). Os maus caçadores e os espertalhões não serão castigados, pois segundo Ridley (2000, p. 129), “[...] a partilha de alimento é um pouco mais do que uma espécie de ‘roubo tolerado’.” Nessas situações os espertalhões abrem mão de reconhecimento social, mas nunca deixam de ter carne, porque as pessoas que buscam o reconhecimento não deixam de alimentá-los.

A caça adquire um novo e central indicador de motivação, o prestígio que o caçador recebe. Quando um ser humano presenteia, ou oferece o seu trabalho para outros, o mínimo que espera em troca é prestígio social. Oferecer, um trabalho na forma gratuita ou um presente, torna-se uma arma quando, em nome da generosidade, provoca, nos outros, o sentimento de débito, seja por meio do prestígio, seja por meio da retribuição futura. Se os humanos prestigiam a quem é generoso, sentem-se na obrigação de retribuir a ação, o favor ou o presente. Assim, presentes podem ser usados para subornar. Ridley (2000) afirma que quanto mais próximas forem as pessoas, que dão e recebem presentes, menor é a necessidade de o presente ser compensado por algo igual ou superior, agora ou futuramente. As pessoas não se preocupam com quem está devendo para quem, esse fenômeno é chamado de reciprocidade generalizada. Existe também a reciprocidade negativa, quando alguém presenteia o outro com um presente de menor valor do que o recebido (RIDLEY, 2000). De forma similar, Adam Smith (2001, p. 8) descreve seu entendimento das ações humanas:

Em quase toda a outra raça de animais cada indivíduo, quando chega à maturidade, é inteiramente independente, em seu estado natural, não tem ocasião para o auxílio de seus semelhantes, e é vão que ele o espere apenas por benevolência. Ele poderá prevalecer, mais provavelmente, se puder interessar o amor-próprio deles em seu favor, e mostrar-lhes que é para sua própria vantagem fazer para ele aquilo que está lhes exigindo. Quem quer que ofereça a outrem uma barganha de qualquer tipo, está propondo isto. Dá-me aquilo que desejo, e terás isto que desejas, é o significado de toda oferta assim, e é destarte que obtemos uns dos outros a franca maioria dos bons ofícios que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, cervejeiro, ou padeiro, que esperamos nosso jantar, mas de sua preocupação por seu próprio interesse. Dirigimo-nos, não a sua humanidade, mas ao seu amor próprio, e nunca lhe falamos de nossas necessidades, mas

das vantagens deles. Ninguém, senão um pedinte, escolhe depender principalmente da generosidade de seus concidadãos, e nem mesmo depende dela inteiramente.

Para Ridley (2000), a verdadeira reciprocidade – troca de um valor por outro igual – somente se mostra possível entre pessoas sem laços de parentesco. Nesses casos, segundo ele, como o emocional não está tão envolvido é possível retribuir o presente mais ou menos no mesmo valor. De modo geral, os humanos se sentem mal quando não têm um presente para retribuir, na proporção similar, e, muitas vezes, não sabem exatamente o que seria o melhor presente para retribuir uma ação. Mas se os humanos esperam ser retribuídos, onde está a virtude de presentear? Presentear deixa de ser uma atitude altruísta já que a pessoa que dá um presente espera receber algo em troca. Os humanos buscam acumular bens, mas, antes disso, precisam de prestígio, custe esse o que custar. O fato de dar presentes, esperando a retribuição, torna o ato de presentear uma obrigação, ou seja, o ato de presentear se torna uma exploração da reciprocidade.

2.6 RELAÇÕES SOCIAIS: SEXO, SEXUALIDADE E SEXO

Os seres humanos como seres sociais vivem em constante transação de relacionamentos com outros seres humanos. Enquanto seres sociais também são individualizantes. E, enquanto seres individualizantes que se reconhecem a si mesmos, são seres sociais quando passam a reconhecer o outro. Reconhecer o outro tornou possível uma sexualidade para além da cópula reprodutiva. Esse processo de socialização, tendo a sexualidade como fonte, permitiu a sua utilização como forma de prazer e sob o signo da monogamia. Cada macho optando por uma fêmea esconde um ato, apaixonar-se, de elevada complexidade. Como e o que tornou esse apaixonar-se possível se, biologicamente, o ser humano é feito para ter vários(as) parceiros(as)? De maneira geral, segundo Morin (1975, p. 158):

A hominização apertou os elos entre mãe e filhos, entre mulher e homem, tendo também aproximado homem e filho. [...] as

relações entre mulher e homem, acentuados, fortificados pela incidência da erotização generalizada e da sexualidade permanente. [...] A partir do amor face a face, desenvolveram-se, no decorrer da evolução genética até o sapiens, incluindo-o, os atrativos erógenos, que são os lábios proeminentes, os seios inchados, o pênis espesso e longo, isso sem que a parte posterior fosse sacrificada, já que as nádegas, cheias e carnudas, atraem intensamente o olhar e a mão. A erotização do rosto, aliando-se a sua individualização aumentada, faria do companheiro um ser tanto atraente quanto fascinante.

Apaixonar-se é o resultado de um novo atrator, anteriormente inexistente, já que baseado no feromônio de quando a fêmea estava em cio: a atração física provocada pela erotização do corpo, tanto feminino quanto masculino. Uma aparência mais atraente conforta o reconhecimento do ser humano em relação a si mesmo, e expande as possibilidades de reconhecimento do outro, reconfortadas por relações afetivas, pela sensualidade e pelo prazer da sexualidade. A biologia contribui produzindo novas células, as células da sensibilidade e a sensação de satisfação e de prazer pelo toque. Fortificado pelo relacionamento sexual de encontro frontal, o ato sexual passou a ter identidade, uma sexualidade realizada face a face, na qual a expressão do olhar torna-se um atrator dessa satisfação. A formação de pares, a vivência social entre casais é uma construção cultural e, o casamento nessa dimensão, prescinde de amor (BAUMAN, 2004).

Mas, segundo Bauman (2004), o *homo sexualis* parece estar sendo destituído da sexualidade e ficando apenas com o sexo. A sexualidade se estende na direção de outro ser humano, uma procura transformando-se em união. Seres humanos anseiam por convívio e, do encontro dos sexos nasce uma nova face da cultura e da sociabilidade humana. A sexualidade é uma arte criativa da diferenciação, a *ars erótica*, ou seja, um impulso sexual que atua na direção da satisfação do convívio humano. Contudo, o que priorizamos na sociedade atual é uma *scientia sexualis*, já que “[...] a sexualidade não condensa mais o potencial de prazer e felicidade. Ela não é mais mistificada positivamente como êxtase e transgressão, mas negativamente, como fonte de opressão, desigualdade, violência, abuso e infecção mortal.” (BAUMAN, 2004, p. 56).

Talvez, por isso, o ser humano precisa de artefatos para alcançar o prazer, uma vez que o sexo agora está privatizado. Em várias oportunida-

des, o sexo já não é mais necessário nem para a reprodução, pois a medicina é capaz de viabilizar a geração de filhos. Ainda assim o problema chamado sexualidade está longe de desaparecer. Para Bauman (2004, p. 56), “A ciência sexual, não obstante, continua a existir, porque a miséria sexual se recusa a desaparecer.” Para Fromm (apud BAUMAN, 2004), essa inversão acontece porque a atração pelo sexo em si, não passa de uma qualidade enganosa, diante do desejo de fusão total por meio da ilusória união. Quando um casal opta pela reprodução realizada em laboratório, a escolha do filho, em um catálogo, pode criar problemas ainda inimagináveis. Quantos filhos, naturalmente concebidos, não crescem insatisfeitos com sua imagem física, e os pais podem alegar que é da natureza, mas e quando os filhos, frutos da escolha em um catálogo, que novas relações advêm do convívio pais/filhos/bisturi? Como os pais poderão justificar sua escolha por características que não agradam ao filho?

Muitas pessoas consideram que ter um parceiro para o sexo é o suficiente para serem felizes. De acordo com Bauman (2004), os humanos, pela prática sexual, esperam escapar da solidão, mas acabam caindo na ilusão da união que ocorre no momento do orgasmo. Passado esse momento, vem a situação de estranhamento e, dependendo das situações, de mais estranheza. Nesse caso a experiência sexual tende a graus de frustração, exatamente, por estar separada do amor e do cuidado, ambos de características espontâneas. Muitos dos relacionamentos íntimos, na atualidade, por vezes chamados de “amor livre”, são pautados em uma falsa felicidade. O sexo está desvinculado da sensualidade e da expectativa e, se analisado mais a fundo, descobre-se um rol de amores frustrados, muitas doses de sofrimento, ansiedades e solidão, queixas com as quais os psicólogos se deparam constantemente em seus consultórios.

É isso que Volkmar Sigusch (apud BAUMAN, 2004, p. 64) um terapeuta sexual conclui:

Todas as formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falas a felicidade que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde amor livre [...] Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não-realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição [...] As performances substituíram o êxtase, o físico está por dentro, a metafísica, por fora [...] A abstinência, a mo-

nogamia e promiscuidade estão todas igualmente distantes da livre vida da sensualidade que nenhum de nós conhece.

De modo geral, parece que, afirma Bauman (2004, p. 65), “[...] as íntimas conexões do sexo com o amor, a segurança, a permanência e a imortalidade via continuação da família não eram, afinal de contas, tão inúteis e constrangedoras como se imaginava, se sentia e se acusava que fossem.”

Quando as relações passaram a ser monogâmicas, por intermédio da união em casamento, as famílias desejavam ter filhos, pois os filhos eram vistos como pontes entre a mortalidade e a imortalidade, entre a vida individual ou a infinita duração da família. Atualmente, ter filhos deixou de ser um projeto natural para tornar-se um propósito, uma escolha, que implica diminuir as ambições pessoais, devido aos custos monetários, sem contar os custos emocionais incalculáveis (BAUMAN, 2004).

É nesse viver, onde tudo é medido pelo valor financeiro, que surgem os solitários em busca de companhia através de contatos *on-line*, que não exercem a pressão dos contatos presenciais, nem exigem laços sociais. São esses seres humanos desavisados que o mercado econômico precisa e explora em sua solidão, com a barganha de oferecer a cura, a melhor terapia, tudo sem temer a proximidade e possíveis vínculos sociais. Mas, sabemos ou devíamos saber que esse mercado econômico não resolve os problemas, já que não consegue substituir os vínculos sociais com os produtos oferecidos.

2.7 ENSONHANDO ALTERNATIVAS

Segundo Maturana e Yáñez (2009), o ser humano possui um olhar sistêmico recursivo que permite reflexionar sobre seu próprio viver e os mundos que gera nesse viver. Nesse sentido, tais autores (2009) entendem a existência de várias fases ou eras no processo de humanização. Eles as denominam de eras psíquicas: a arcaica, a matrística, do apoderamento, a moderna, a pós-moderna e a pós-pós-moderna. Na era arcaica a emoção do amar funda a família e é o linguajar e o prazer da proximidade que constitui a linhagem humana. É uma era marcada pela espontaneidade do amar. À medida que o ser humano se aproxima da era matrística, desvanece “[...] o sentir espontâneo de que todos os seres vivos em geral e todos os seres

humanos em particular são iguais, e aparece o sentir que atribui valor a diferença, e com isso se abre espaço para a discriminação.” (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 34).

Na era matrística o amar é visto como um conviver desejado e em grupos pequenos ocorre a entre ajuda nos afazeres e no compartilhar do viver cotidiano. Um conviver que se enraíza na sensualidade e na sexualidade com um bem-estar gerado por um conversar reflexivo e recursivo. A era matrística entra em declínio quando se assentam as diferenças como motivo de discriminação e justificativa para a apropriação do viver de outros seres. Quando o ser humano se desloca para um sentir de convivência baseado em conversações de desconfiança e controle, surge a era do apoderamento.

Nessa era ocorre o despertar para a capacidade manipulativa do prazer. Surgem modos de viver nutridos pela justificativa racional da discriminação, pautados na cultura de relações de dominação e negação de si mesmo e do outro, e ocorre a perda de confiança.

Na era moderna, o conviver humano passa a ser uma luta de verdades, a compreensão já não é mais central na convivência, e as relações são orientadas pela busca de desejos realizados a qualquer custo e não mais pautados na colaboração. Surge a dor do desamar no viver.

Na era psíquica pós-moderna o ser humano imagina que pode fazer tudo o que crê, como se fosse um Deus onipotente. Então ocorre a debilitação do respeito por si mesmo e o respeito da convivência e surgem os contratos. O clamor é forte “[...] seres humanos, desapareçamos em nossa legitimidade humana e passemos a ser meros instrumentos para a satisfação dos desígnios e desejos de qualquer pessoa que viva na adição do poder.” (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 44). Mas, a dor e o sofrimento da negação do humano não deixam que seja eliminado o fundo amoroso da condição humana.

Então, é momento para uma nova era psíquica a era pós-pós-moderna. Sonha-se uma reflexão sobre a aceitação da responsabilidade do ser humano diante do mal-estar de seu viver cotidiano. Surge uma possibilidade de reencontro humano como ser biologicamente amoroso. Sonha-se o fim da liderança e um ressurgir do bem-estar psíquico-corporal-operacional-relacional da confiança na honestidade. Esse novo momento passaria a ser vivido a partir do abandono ao apego do valor conservado em nosso sentir. Se quisermos atuar em um mundo diverso, se quisermos viver em

um mundo diferente, devemos mudar nossos desejos, pois, sem o outro, o ser-si-mesmo fica em dificuldade.

3 CONCLUSÃO

Esse trabalho tinha como objetivo reimaginar os motivos que levaram os diversos grupos de homínidas a viverem socialmente e refletir sobre como esse processo se desenvolveu e foi transmitido de um grupo para outro. Verificamos a importância da substituição do imaginário que concebe as convivências sociais sob o olhar da dependência e independência, para creditar importância na interdependência como modo de viver social.

A busca de melhor entendimento, sobre o surgimento da sociabilidade humana, com base na leitura de diversos autores, proporcionou a reflexão sobre os motivos que levam as pessoas a se agruparem e o papel que o *status* exerce nos grupos sociais, bem como compreender como ocorre o emocionar e o linguajar frente às diversidades dos modos de vida construídos.

Pode-se afirmar que os seres humanos passaram a se reunir em grupos devido à caça, que exigia cooperação. Dessa forma, nas relações derivadas da caça, da utilização do fogo, da formação de casais, da vivência da sexualidade, criamos a emoção do social e da generosidade. Em razão do grande porte dos animais, o caçador dividia a carne com os demais e em troca esperava retribuição. Mais do que retribuição, obtinha *status* em virtude do reconhecimento social. Isso nos leva para a condição de interdependência: desejava-se prestígio por parte de outros.

No transcorrer das eras psíquicas os seres humanos se desencontram, procuram independência, fazem uso do poder para comandar os outros e permitem a solidão. As relações de presença sensual se liquefazem e são, atualmente, intermediadas pelo virtual no universo *on-line*. O prazer da convivência e do encontro, a satisfação de desejos e a felicidade são vendidas no mercado consumista de produtos materiais.

Entretanto, espera-se que a dor e o sofrimento da negação do humano não tenham sido capazes de eliminar o fundo amoroso da condição humana. É momento de reflexão e de aceitação da responsabilidade do ser humano em relação ao mal-estar de seu viver cotidiano e interdependente.

Somos seres humanos, constituídos biologicamente, como seres amorosos. Viver na interdependência significa aceitar a diversidade. Eis o grande desafio para a humanidade. Reconstruir o social, na perspectiva da humanidade, exige reconhecer o pertencimento de todos os seres humanos a uma única espécie. Importa reconstruir o universo do linguajar distante da ênfase ao enfrentamento, para um linguajar e emocionar de aceitação do outro como legítimo outro.

Não fazê-lo significa continuar utilizando o poder e a violência física, moral e psicológica para submeter o outro às suas vontades e obrigar muitos humanos a procurem psicoterapias para resolverem seus problemas de solidão e sofrimento. No processo do vir-a-ser ser humano ainda temos um longo caminho de reflexões para trilhar. É preciso superar a velha visão, veiculada em programas de massa, que teimam em retirar a autonomia do ser para refletir, objetivando sujeitá-lo a seguir receitas e comportamentos instrumentalizados e pragmáticos. Para que a mudança ocorra precisamos transcender as atuais formas de pensar para perceber e reconhecer a diversidade existente no outro.

Aceitar o outro como ser humano na sua legitimidade, redesenhar a colaboração, a partilha, a generosidade e o altruísmo, para, então, fazer regerminar a confiança entre os seres humanos. É importante que o emocionar do amar seja mais uma vez conservado para reconstruir o ser humano, mesmo que tudo o mais possa mudar em razão disso.

The coming-to-be in the social construction of being human: expectations of diversity and interdependence

Abstract

This study seeks to understand the social construction of being human and, therefore, investigates how the process of hominization and humanization occurred. Propose to re-imagine the changing characteristics of a group of hominids to another and reflect the importance of the principle of self-organization, hunting, creation of tools for hunting and domestication of fire. For this study we used the literature search method, discussing the way of life experience through formation of groups by sharing food, the im-

portance of reciprocity and generosity to the formation of pairs and hence the emergence of sensuality and family. We investigated the importance of emotions, language and talk in the coordination of consensual conduct, as well as the influence of rules and culture for the social of Homo Sexualis, evaluating the allowed and forbidden sexuality and the sight of the other as a good to be consumed.

Keywords: Sociability. Generosity. Talk. Sexuality.

Nota explicativa

¹ Conforme o documentário: *Homem das cavernas: o filme definitivo sobre a evolução humana*. São Paulo: Abril, 2004.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MATURANA, Humberto. **Da biologia à Psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Habitar Humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MORIN, Edgar. **O enigma do Homem**: Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RIDLEY, Matt. **As origens da virtude**: um estudo biológico da solidariedade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SMITH, Adam. **Riqueza das nações**. Curitiba: Hemus, 2001.

Recebido em 5 de outubro de 2010

Aceito em 22 de abril de 2011

